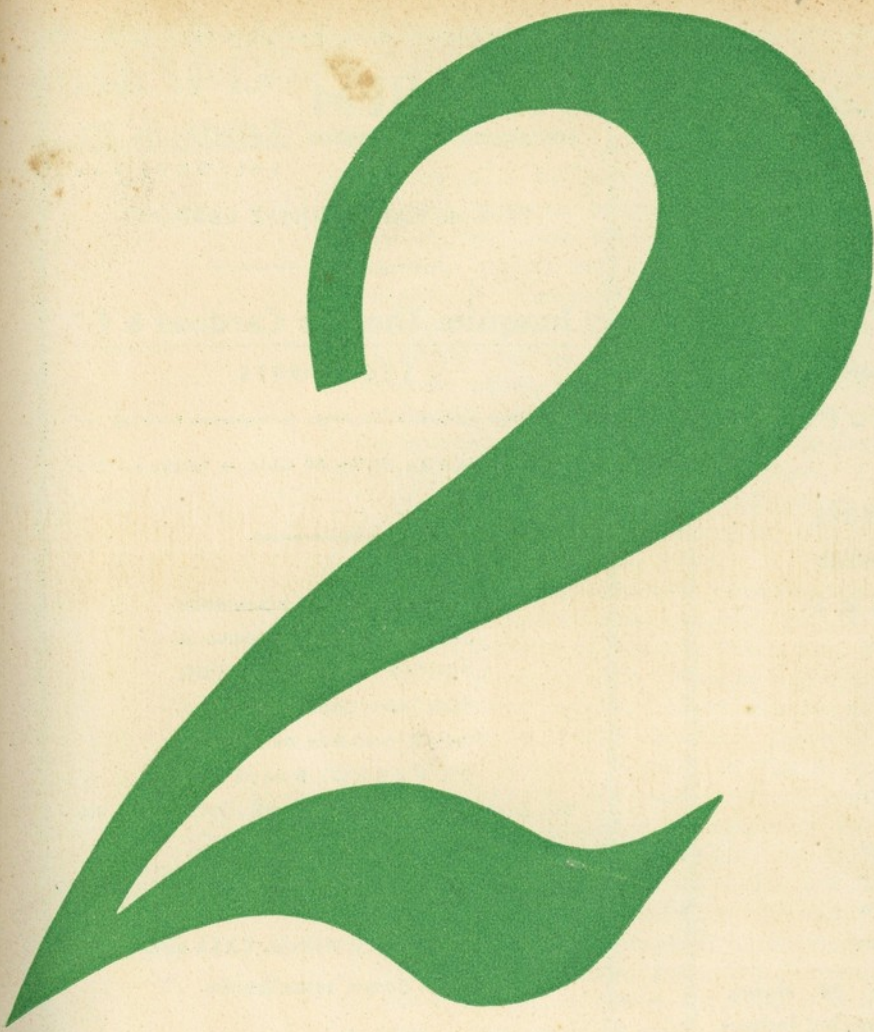


177

DIRECTOR
ARMANDO
VIEIRA
PINTO



Movimento

CINEMA
ARTE
ELEGANCIAS

Joalheria do Carmo

R. do Carmo, 87-B

Telefone, 23050 — LISBOA

Ourivesaria Cunha

R. 31 de Janeiro, 200

Telefone, 1023 — PORTO

**As casas das mais
lindas joias e pratas
portuguesas**

Grande prémio e
medalha de Ouro na
1.ª Feira de Amostras,
de São Paulo 1931

Medalha de Ouro
na Exposição Vi-
centina São Paulo
— 1932 —

Diploma de Honra
na Exposição Indus-
trial de Portalegre
— Brasil-1931 —

FIXE BEM

Rua de Santa
Catarina N.º 217

TELFONE: 546

SÉDE da CASA THOMAZ CARDOSO

DE

Joaquim Thomaz Cardoso & F.º

SUCESSORES

— Nomes registados na Repartição da Propriedade Industrial —

FÁBRICA EM VILA NOVA DE GAIA — Telefone: 1359

Na nossa Fábrica, executamos
pelos processos mais modernos
PORTAS FORTES—COFRES,
FOGÕES—CAMAS bem como,
toda a qualidade de MOVEIS
DE FERRO. Secção de
COLCHOARIA — ARTIGOS DE MÉNAGE, etc.

**NÃO CONFUNDIR A NOSSA CASA com outra
de nome semelhante.**

A Nossa SÉDE é, e sempre foi, em SANTA
CATARINA N.º 217

movimento _____ número 2
cinema — arte — elegancia _____ 15 de julho
_____ 1 9 3 3

composto e impresso na

tip. costa carregal

tr. passos manuel, 27

p ô r t o

propriedade de
armando e armando

assinaturas:

6 num. — 9\$00

12 .. — 18\$00

avulso 1\$50

administrador e editor: armando barros

redacção e administração: rua elisio de melo, 28 — sala 4 — porto

este número foi visado pela comissão de censura

CINEMA PORTUGUEZ

A Tobis, com a «Canção de Lisboa» pretende fazer um cinema 100 % nacional. Quer interessar o público português e o brasileiro numa farsa de ambiente lisboeta, servindo-se de meios anteriormente conhecidos como garantia absoluta de êxito popular: Beatriz Costa, Vasco Santana, piada e «sentimento». Com as notícias saídas da misteriosa reserva feita à volta deste filme, não é difícil adivinhar as intenções e finalidades dele: comércio em volta do mau e baixo gosto do público.

O Bloco H. da Costa vai por outros, mas semelhantes caminhos. António Lopes Ribeiro pretende fazer um cinema internacional, cinema para agrado do público de diferentes países, sem exclusão da «nota» portuguesa. Assim, o Bloco diz ir levar ao estrangeiro o «Gado Bravo», uma fita de touros — neles vai residir, naturalmente, o interesse lusitana da obra — e de internacionalismo, dado nas grafias dos nomes dos realizadores e nas linguas dos intérpretes.

Afigura-se-nos curioso notar: iniciando-se com duas tentativas um movimento cinematográfico português, ninguém ainda procurou saber e dizer o que, em matéria artística, sairá da Tobis e do Bloco.

As revistas profissionalmente cinematográficas do país, ligadas por estreitíssimos laços materiais àquelas duas empresas, enchendo páginas e páginas sobre o lado industrial da organização dos dois filmes, nada mostraram ainda do impulso a dar à Arte cinematográfica nacional. Escreveu-se muito sobre blocos de cimento, caminhões de som, aparelhos luzentes, cantinas alimentares, concursos para intérpretes, chegada de competências estranhas, etc., etc.... Estabeleceram-se polémicas sobre o caminho mais vantajoso a seguir. Chianca de Garcia, na «Imagem» defendeu a organização do negócio da Tobis, sem razões; António Lopes Ribeiro, no «Animatógrafo», disse que um filme de Eisenstein e um quadro de Rafael destinando-se a toda a gente (?) demonstram que a Arte não tem pátria e, *por isso*, é o Bloco quem está no bom caminho.

MOVIMENTO, revista independente, sem subsídios nem publicidade forçada de firmas produtoras, ou distribuidoras, defenderá uma indústria de cinema montada em Portugal com fins meramente artísticos, ou sociais.

O cinema deve ser qualquer coisa mais que um divertimento. Negar-lhe as suas poderosíssimas faculdades de ministrar ensino, cultura e gosto artístico — a ele que pode o que nenhuma outra Arte consegue — atribuir-lhe funções simplesmente espectaculares, fazer dele um pretexto para mal-educar o público, torná-lo, apenas, uma indústria de fins comerciais sem um intuito elevado — isso é um crime. Está bem demonstrado: há um público que considera o cinema uma Arte. A Rússia não necessitou de ir ao encontro da gente amante de operetas do Chevalier, comediazinhas de travo parisiense e fitas americanas de desporto, para impôr em todo o mundo a manifesta superioridade do seu cinema.

Para conseguir um filme perfeito, de fins social, educativo, artístico e cultural, acharíamos bem que se levantasse a Tobis, se formasse o Bloco H. da Costa, se pedissem todos os auxílios, todas as facilidades e todos os apoios. Tanto trabalho e tanto dinheiro para o que vamos vêr, talvez não valha a pena!

Dinheiro e Arte, sendo quasi sempre incompatíveis — naturalmente, teremos a prova com a «Canção de Lisboa» e o «Gado Bravo» — podem, no entanto, juntar-se. Temos hoje, em Portugal, tudo o necessário para uma indústria cinematográfica. Vamos ao resto! Estudemos, agora, a forma de criar uma Arte cinematográfica portuguesa!

Pedimos a Leitão de Barros que retome a actividade de dirigente para seguir, aperfeiçoando-se, o caminho de «Nazaré» e «Maria do Mar».

Nós queremos uma Arte cinematográfica portuguesa! Estamos aqui para pretendê-la e para apoiá-la!

a l b e r t o d e s e r p a

CARTA ABERTA AOS RAPAZES DE PORTUGAL

Isto agora é mais sério. O nosso tempo é precioso. De modo que vocês podem tomar esta conversa como única, definitiva e irrevogável.

Queremos que vocês todos sejam nossos amigos. Para isso, evidentemente, bastava lisongear-vos a vaidade e as fraquezas. Mas isso não nos convém. Queremos que vocês todos sejam nossos amigos, mas por uma questão de raciocínio e não por uma questão de sentimento.

Interessa-nos a vossa inteligência, não nos interessa o vosso coração. De modo que nos dirigimos àquela e não a este.

Esperamos não ser desiludidos!

Muitas raparigas nos escreveram acerca do manifesto que lhes dirigimos no nosso primeiro número.

Estavam de acôrdo connôscos, simpatisavam com a nossa franqueza, davam-nos o seu apoio incondicional.

Isto demonstra que souberam compreender os nossos intuitos. Esperamos que com vocês aconteça a mesma coisa.

Não vos prégamos um optimismo feito à pressa, importado do estrangeiro e, possivelmente, passado aos direitos.

As atitudes, quaisquer que sejam, não nos interessam. Portanto, fiquemos nisto: não queremos que vocês «resolvam» ser alegres ou tristes — queremos que vocês «sejam» sinceros.

O cinema trouxe ao mundo uma nova era, novos direitos, novos deveres, novas exigências e novas possibilidades. É necessário que as revistas de cinema se compenbrem disso e, conseqüentemente que vocês, também, assim o entendam e fixem.

Pode quemquer afirmar o que quizer, e pretender convencer-nos de quantos disparates esqueceram ao diabo.

Não é fácil convencer-nos e é impossível vencer-nos. Isto, porque possuímos uma couraça invencível que se chama: «independência» e uma arma sem igual que se chama: «desassombro».

Deixai lá falar quem fala! Uma revista que pretenda orientar a vossa juventude, isto é: o mais generoso sangue do paiz, tem que dirigir-se à vossa inteligência e não à vossa curiosidade.

Não se inventaram as revistas de cinema com o intuito de vos dizer o que faria Norma Shearer se os estúdios fechassem, nem para que mais, além de fazer cinema têm aptidões os Barrimore, como não deve primacialmente interessar-vos a informação de quais os astros que sofrem do fígado ou as estrélas que têm dentes chumbados a ouro.

O que deve interessar-vos acima de tudo é ser rapazes na verdadeira acepção da palavra: conhecer os vossos direitos e os vossos deveres; aproveitar plenamente, se não desenvolver, as vossas possibilidades; compreender a vossa fôrça e usar dela; ser essa mocidade, enfim, a quem todos os entusiasmos e tôdas as esperanças são permitidos.

É necessário que prezeis a Verdade acima de tôdas as coisas. Que ataqueis, conscientemente e sem branduras o que mereça ataque, e que louveis, convictamente e com entusiasmo o que mereça louvores.

Deixai-vos de atitudes: sêde vós próprios, tal qual sois, sem caracterizações literárias ou disfarces intellectuais.

Mandai ao diabo os preconceitos e aproveitai a deixa para dar uma vassouradinha na tradição.

Os tempos mudaram muito. D. João de Castro empenhou as barbas para salvar Diu. Foi um gesto muito lindo que passou à história. Hoje nem êle as



empenhava, nem havia quem lhas tomasse de penhor. Muita gente se indignará com estas palavras e nos chamará irreverentes. É um lamentável engano. Isto não se chama «irreverência» — chama-se «sinceridade». Os gestos mais teatrais não são os mais sinceros, nem, conseqüentemente, os mais nobres. Da grande cópia de frases que passaram à história, uma só é completamente expressiva, sincera e apropositada: a de Cambronne.

A maior parte das outras — parolice!

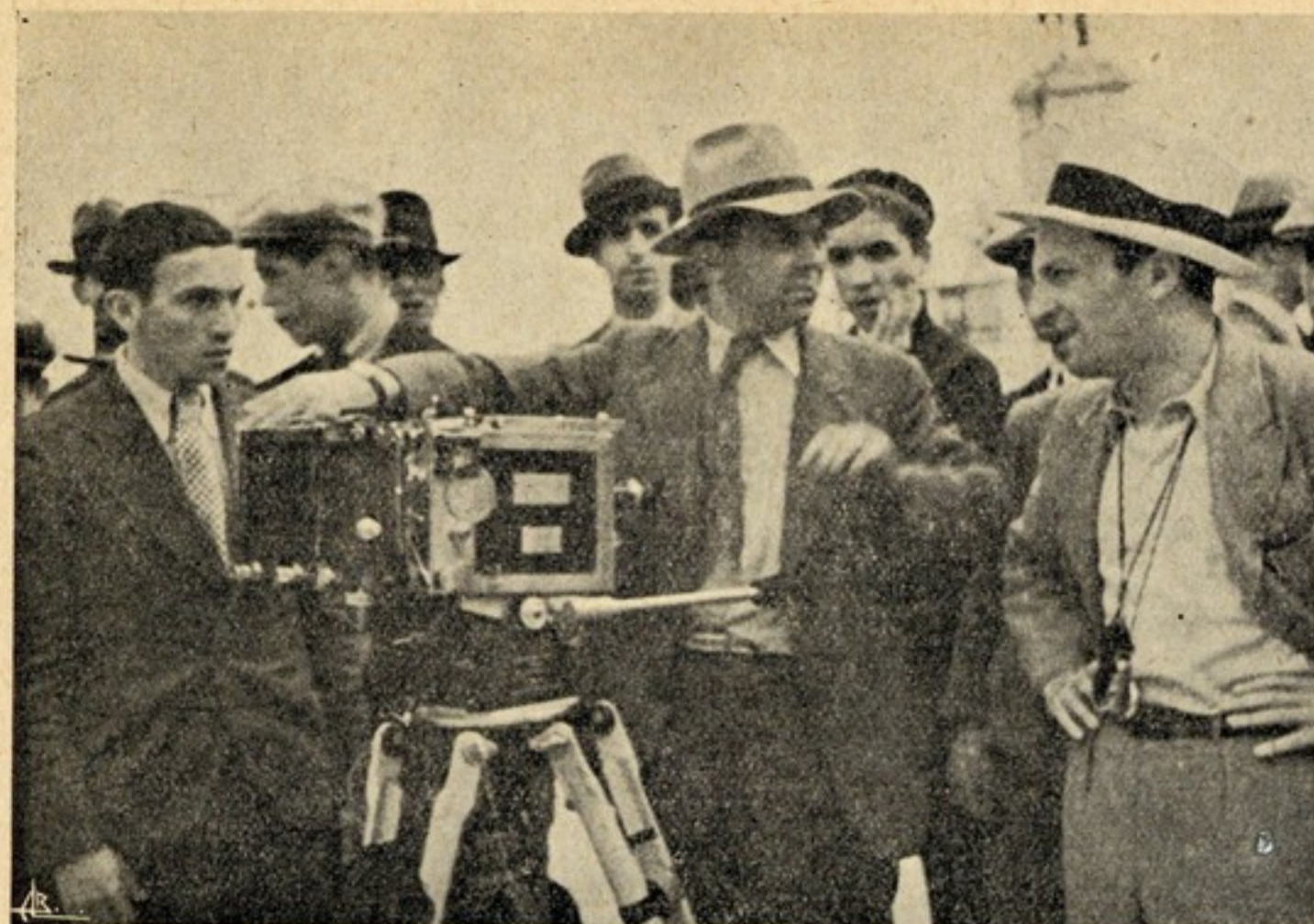
Em amor, deixai-vos de complicações sentimentais. O «Amor de Perdição» passou de moda. Amar não quer dizer necessariamente possuir uma impulsão doentia, preversa, decadente. O amor pode e deve, pelo contrário, ser alegre, bem disposto, natural e simples.

Reparem vocês no William Haynes, aqui ao pé. Esse amor que o fez encostar, sorrindo, à Dorothy Jordan, deixa-vos pensar em tios ferozes, pais intransigentes, ou mãis rabujentas?

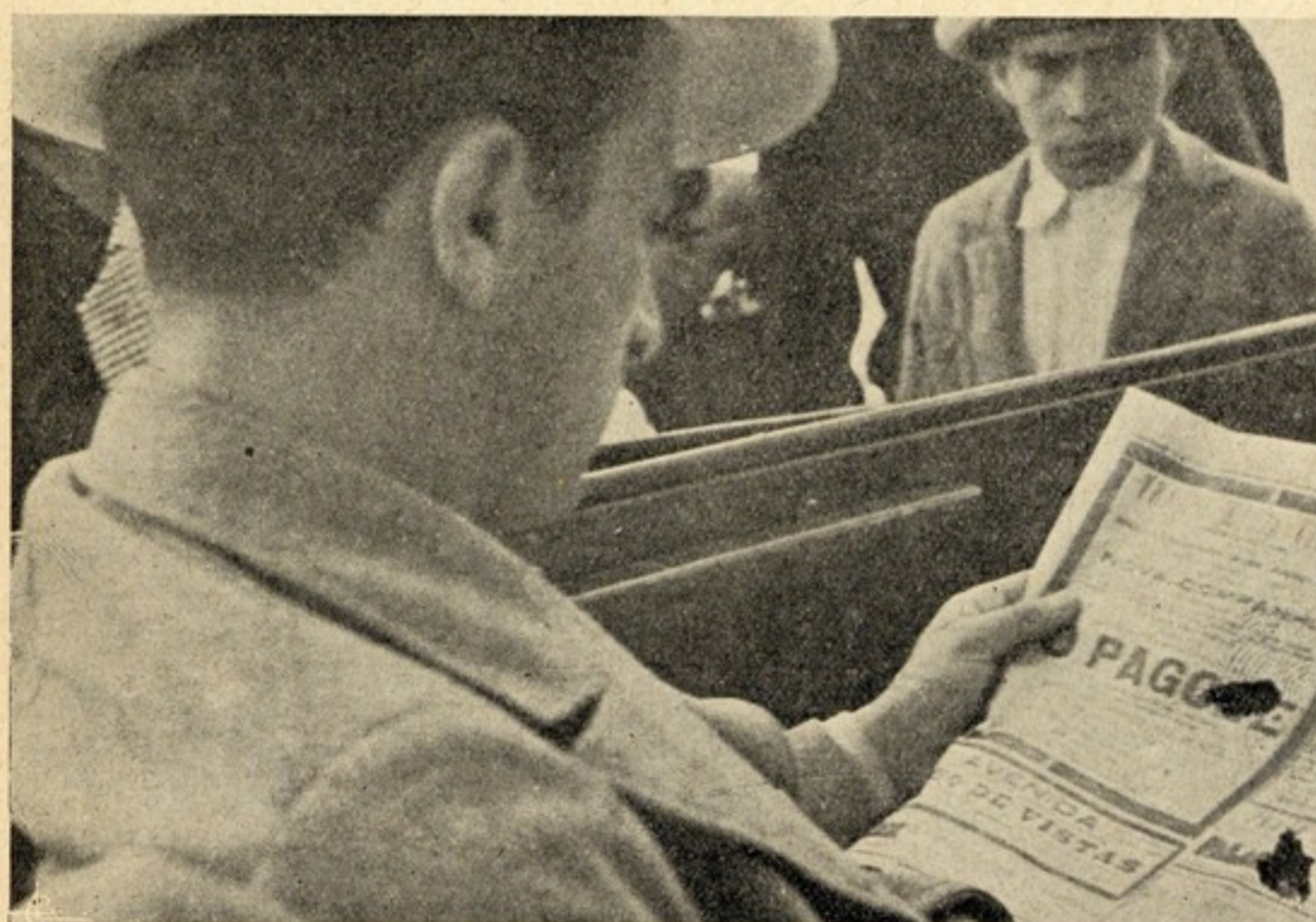
Pois está claro que não!

Para acabar, não sejais cépticos aos vinte anos. Ninguém acredita nisso e é ridículo. Não sejais complicados, alegres ou tristes, enfatuados ou modestos — sede sinceros.

Só lucrareis com isso.



O operador Gärtner e o realizador Nosseck, conversam...



Nosseck tenta convencer-nos de que já sabe lêr o jornal.



Ao centro, da esquerda para a direita: António Lopes Ribeiro, autor dos diálogos; Artur Duarte, 2.º papel masculino e assistente geral da produção; António Botto, autor da letra das canções; Raúl de Carvalho, protagonista do «Gado Bravo».

TERMINOU FILMAGEM DOS EXTERIORES PARA - GADO BRAVO -

As últimas cenas exteriores, que foram executadas em Lisboa, para o fonofilm *Gado Bravo*, filmaram-se, na Baixa, ante uma grande mole de pessoas, que, interessadas e atentas, seguiam à porta do café Nicola a marcha dos trabalhos, ainda em preparativos de filmagem, quando, por acaso, por ali passavamos. Detivemo-nos um pouco, na observação daquele espectáculo buliçoso, de vozes e pessoas, entre as quais nos confundimos, não sem alguma dificuldade, pois todos queriam ver mais de perto, o que nos impediu de satisfazer, naquele instante, o nosso melhor desejo, que era, como é natural, colher algumas impressões para umas notas de reportagem.

Por fim, vencida a resistência daquela avalanche de curiosos, o que nos custou algumas vaias e impropérios, lográmos a conquista dum posto que nos permitiu vêr e ouvir o que a nossa tremenda curiosidade profissional tam ardentemente desejava.

A dois passos de nós e sob a vigilância de Nosseck e Artur Duarte, Raúl de Carvalho vai proceder ao ensaio de apuro duma pequena cena. Junto da câmara, aguardando o momento de actuar, Heinrich Gärtner e José Nunes das Neves seguem, atentos, as instruções de Nosseck, que Artur Duarte traduz, pormenorizadamente, ao nosso primeiro galã de teatro. Tudo está a postos.

— Raúl, atenção!

Todos os olhares se concentram em Raúl de Carvalho. Até os nossos, por alguns segundos, se cravam nêle, que parece estar a fazer a coisa mais simples e natural desta vida, quando afinal, Nosseck, minucioso e exigente, comenta a plasticização da cena numa rubrica de difícil e complexa exteriorização. Raúl de Carvalho, porém, numa inteligente gradação de efeitos, que, pouco a pouco, se vão definindo cada vez melhor, logra dar plástica à súmula da cena, que ainda sofre algumas correcções:

— *Essa cabeça bem à-vontade... e bem caída...*

E após uma pausa!

— *Agora, bebe... sem receio: olhos vagos, visando em frente. Poisa naturalmente o copo...*

A execução, segundo os seus cooperadores, é primorosa. Raúl de Carvalho, que de minúcia para minúcia se afirma o grande actor que é, corporiza, com êxito, o pensamento do realizador, insuflando-lhe os seus fortes poderes de emoção e instinto de artista.

Terminada a cena, uma voz entusiástica quebra o silêncio:

— *O. K.*

E logo a seguir, em alemão, Nosseck exclama:

— *Sehr gut Raúl!*

Todos compreenderam ante o júbilo e a frase do realizador, que a actuação de Raúl de Carvalho fôra sob todos aspectos, notável.

Filma-se, ainda, um grande plano, findo o qual principia a debandada daquela gente, cada vez mais numerosa e irrequieta, que parece querer engulir aquele pequeno circulo onde se localizou a acção.

Raúl de Carvalho, rodeado pelos assistentes, é levado para o automovel. Não conseguimos vê-lo nem falar-lhe. Indago para onde vão. As ordens, porém, são severas. Não permitem essa revelação. Mas sempre conseguimos que alguém nos segreda ao ouvido o novo local de filmagem. É ali próximo, a dois passos daquele onde nos encontramos. A caravana parte. E enquanto os automoveis seguem, para despiste dos curiosos, pela Rua Aurea e sobem, depois, a Rua Augusta, tomamos o caminho do Café Suisso...

Minutos após, chegam os automóveis, que imediatamente despertam a curiosidade da gente que passa. Gärtner, então, com a sua admirável câmara, seduz logo a assistência, que o rodeia e inquire para que produção se vão filmar, ali, aquelas cenas. Alguns mais sentenciosos, opinam tratar-se da *Canção de Lisboa*. Por momentos naquela roda, de curiosos, fica pairando essa convicção. Júlio Vicente Ribeiro, porém, desfaz o equívoco com a exibição do numerador onde, em grandes caracteres, todos puderam lêr e rectificar o seu erro ou omissão: *Gado Bravo do Bloco H. da Costa. — Cena 133 III.*

Entretanto, Max Nosseck e Artur Duarte preparam o campo de filmagem. A cena agora, exige um garoto, para distribuir um programa. Procura-se, entre a multidão, o mais típico. Escolhe-se um, entre uma dezena que se ofereceram. Pouco depois, uma voz chama:

— *Raúl! Raúl!*

Logo surge, de dentro do automóvel, um perfeito moço, tipo de ribatejano, esporas de prateleira e chapéu de aba larga, no puro estilo português. Dir-se-ia uma figura arrancada a uma tela de Malhõa. A comparação não é exagerada... Tem «planta», como se diz agora. Nunes o fotografo da caravana, fixa-o num cliché. Entretanto, regista-se uma surpresa agradável: a presença de Nascimento Fernandes, ali levado pelo acaso. Raúl apresenta-o. Fazem-se algumas fotografias. Nascimento retira-se e os trabalhos prosseguem. Uma voz pede silencio. Tudo se cala. Preparada a cena, Gärtner faz-se ouvir:

— *Ribêro! Number...*

E o número da cena é colocado diante da objectiva. Pede-se de novo silencio. Max Nosseck e Artur Duarte sentam-se a uma mēsa, junto de Raúl. Max, no seu idioma, descreve a cena que se vai filmar. Duarte, poliglota elegante, traduz o pensamento do realizador. Instintivamente, Raúl enceta a execução. Max, porém, faz-lhe saber não a desejar assim. E a cena repete-se, sem contudo ogradar o aplauso do realizador, que o adverte:

— *Pas théâtre, Raúl! Mais cinéma!*

Raúl de Carvalho volta à execução. Nota-se uma mais nítida compreensão do intérprete, que imprime à rubrica outro relêvo. Com efeito, já está melhor. Mas é preciso tirar-lhe de cima dos ombros o «actor de teatro». Descansa-se uns minutos. Raúl é alvo de todas as atenções. Brincam com êle, desmancham-lhe o cabelo, ajeitam-lhe o chapéu. Duarte, sempre activo e solícito, anima o seu camarada, enquanto lhe arranja a maquilhagem.

Já decorreu perto de meia hora. Raúl ingere, para se recomfortar, três grandes cálices de «cognac». Exigências que nem todos compreendem! O cinema é assim... Implacável. Dar a verdade sem teatralidade.

Recomeçam-se os trabalhos. É preciso, agora, que Raúl, esteja cançado. E conseguem-no. Surge o grande momento. Gärtner vai entrar em acção. A pedido de Nosseck, Duarte grita:

— *Silêncio! Vai-se filmar!*

Dois segundos após, sôa um apito. E Raúl, absolutamente concentrado, senhor de si e do seu papel, começa a acção: mãos cruzadas sôbre a mēsa do café; o olhar, doentio, fixa em frente o vago, enquanto o garoto lhe coloca o programa entre os braços e o copo de vinho. Os olhos baixam, naturalmente, sôbre o programa, que Raúl apanha com a mão direita, depois de reparar nêle a inserção da cara da mulher causadora do seu infortúnio. Ligeira transição. Raúl adquire serenidade e, com um vago sorriso de desprêso, olha em frente, recordando todo o seu passado de prazer e felicidade; após uma pausa, rasga bruscamente o programa, respira fundo e bebe o seu copo de vinho, findo o qual os seus olhos fixam-se, inadvertidamente, no cartaz luminoso anunciando a sua ex-amante.

Sorri de novo, pega no cigarro, abandonado no cinzeiro. Nisto, como que ouvindo a orquestra tocar a música do grande êxito da sua ex-amante, Raúl, desesperado e ferido no coração, tapa os tímpanos, desola-se, sofrendo, por não poder suportar aquela música que, por fim, se extingue. Raúl retoma a serenidade e respira fundo.

Terminada a cena, uma voz, que não esconde o seu contentamento, quebra o silêncio:

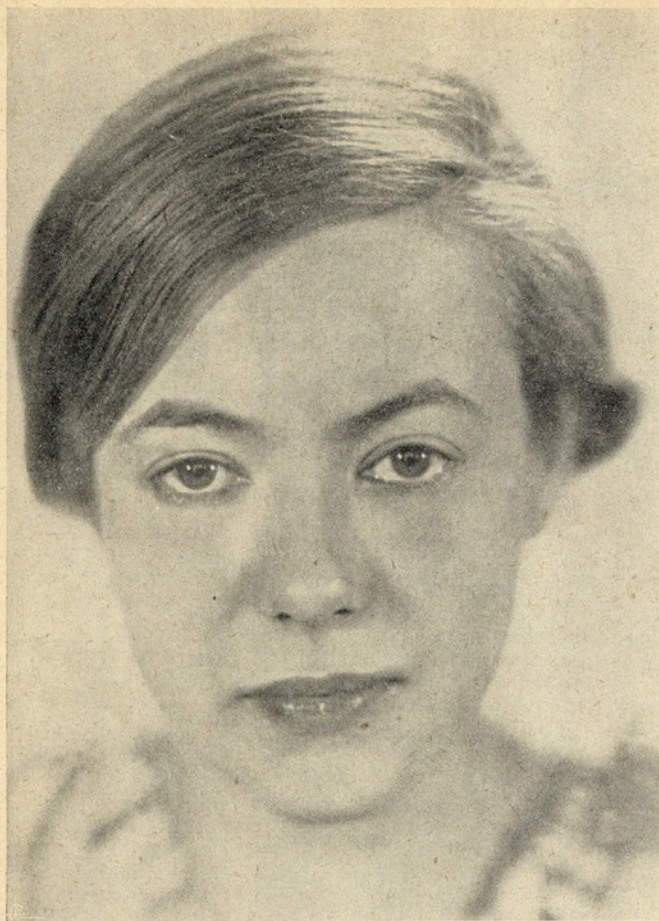
— *O. K.*

E logo em alemão, Nosseck exclama:

— *Sehr gut, Raúl!*

A-pezar-de ter decorrido bem, a cena é executada novamente, finda a qual, termina a filmagem dos exteriores, em Lisboa, para o fonofilm *Gado Bravo*.

antónio lourenço



HERTHA THIELE, A TRISTE FEIA

TRISTE FEIA

uma revelação do cinema

Esta prosa cinéfilo-lírica escrita muito deliberadamente e de boa vontade sobre Hertha Thiele, estou bem em crê-lo: será um desabafo ou até mesmo uma infantilidade. Mas éla é sobretudo—ouvi vós todos, ó freudianos encartados!— a minha mais carinhosa homenagem por aquela que soube ser (não sei porque bafo incoercível dêste discreto aconchêgo de alma que é a ternura) tão lindamente feia.

Ela aí está tôda, tal-qualmente nos apareceu nas «Raparigas em Uniforme» desempenhando o papel da personagem equívoca de Manoela:— e *equivoca* porque, a meu ver, quando da exibição dessa realização extraordinária de Leontine Sagan sobre a inquietante peça de Christa Winsloe, *Gestern und Heute*, muita asneira se escreveu e muita mais se disse.

Os *snoobs* cá do burgo e de outros, citaram Freud com notória prodigalidade, dissertando mais ou menos mal sobre os terríveis enigmas da *libido* e seus variados processos de expressão, o homossexualismo, o safismo, o narcisismo, o infantilismo e tantos mais *ismos* reveladores de tão monstruosos como misteriosos complexos, gravitando bem no fundo do inédito alçapão de conflitos que nós somos.

Outros tentaram focar o «caso social» com o aparato das *cartas-abertas* aos pais de família, coitados, uns burgueses, hidrópicos pelo excesso de sedentarismo estúpido quási todos, e incapazes de ver dois palmos diante dos olhos, quanto mais um caso tão susceptível e melindroso de psiquismo como é êste das «Raparigas em Uniforme».

Mas eu não quero engrossar o cabedal da asneira sobre um filme que merecia ser bem melhor tratado, demais que sobre a sua exibição decorreram já seis longos meses, sem que, verdade seja, nada melhor ou igual se tivesse exibido desde então. Se eu pretendesse falar sobre as «Raparigas em Uniforme» não poderia deixar de citar o inevitável Freud, porque é bem evidente tanto no filme como na obra que o inspirou, um caso flagrante de freudismo, digamos assim.

A par, todavia, do fenômeno psicológico de infantilismo largamente proclamado então, não seria curioso lembrar pelo menos (senão analisar nos seus justos termos) um fenômeno de *sublimação* aliás tão freqüente entre as colegiais em plena adolescência que se encontram sujeitas à pressão da censura, vinda, não só da disciplina dum internato com a sua pedagogia hermética, mas da própria compleição que essa adolescência provoca? Quando muito, não seria um caso de fuga sexual, de derivação, do *transfert* de que nos fala o mesmo Freud, em que uma tendência oprimida se satisfaz sob a forma de outra tendência aparentemente diversa, não sendo mais afinal, que um disfarce da primeira? Dêste modo ficaria ressalvado o caso de Manoela onde um fenômeno, à primeira vista de aberração sexual, se transformava afinal numa *expressão transferida* duma tendência absolutamente normal pronta a revelar-se nos seus verdadeiros caracteres desde que as circunstâncias derivativas o permitissem. Suponho, mesmo, que essa foi a grande visão de Leontine Sagan na realização do filme e portanto, onde tantos outros viram defeitos e lacunas, eu quero ver tão só qualidades e uma finura de inteligência que a tornam não só uma esplêndida realizadora mas uma psicóloga da mais delicada compreensão.

Deixemos, porém, as psicologias para os ratos e as ratas-sábias. A propósito das «Raparigas em Uniforme» lembro aqui somente a «Confusão de Sentimentos» de Stefens Zweig. Leia, que vale a pena. Talvez auxilie, até certo ponto, o entendimento do estranho arripio

psicológico da peça de Christa Winsloe, embora num sentido diferente.

Aqui, pretendo apenas falar dessa figura quasi mística, na enternecida expressão do difuso mistério da sua fealdade, que é Hertha Thiele. E podem o Alves Costa e o Alexandre de Médicis tentar convencer-me dos subteis estremecimentos dessa beleza indiscreta de Dorothea Wieck, a estranha intérprete da professora Elisabeth de Bernburgo, que eu não me convenço — nem eu nem o Armando Vieira Pinto. Nós dois somos *herthistas* com o melhor do nosso entusiasmo.

É feia? Sim a pobre da Hertha Thiele é feia. Certo que não pode haver comparação de traços entre ela e Dorothea, duma beleza quasi calculada, uma boca fina de pedra cortada à faca, uns olhos húmidos de frio, incisivos, de aço brunido e um corpo esgalgado de fuste de coluna corintia. Na serenidade difusa da sua beleza, Dorothea chega a ser preversa —. Mas reparam agora, se fazem favor, para a adolescência em flôr, a cálida e enternecida adolescência de Hertha-a-feia, de Hertha-a-doce, a meiga, calada como as noites mornas de agosto, de olhar cansado de quarto-minguante a quem António Nobre bem poderia ter dedicado as «Contas de Rezar» nas «Despedidas».



DOROTHEA WIECK, UMA QUE É BONITA...

Nobre bem poderia ter dedicado as

«Maria é! Violeta da Humildade!
Onda do mar das Índias! tão modesta
E tão grande que ela é! Que dor funesta
A faz andar tão triste, nessa idade?

.....
A sua voz baixinha vem da Alma,
Tudo o que há nela é do que eu gosto mais,
É assim que fala a aragem pela calma
Quando mareantes pedem temporais!

Pois não é verdade? — pois não fala tão verdade todo o seu aspecto engerido de salgueirinho em flôr ainda em fevereiro? Não tem tóda a sua expressão de humildade uma névoa que só certas manhãs baças de primavera possuem? E dizei-me agora, vocês todos e tódas: já pensasteis porventura o que seria Hertha desempenhando um papel de pastorinha numa peça de Maeterlinck que se filmasse — a «Ave Azul», por exemplo?

Que Dorothea Wieck me perdoe: mas o seu melhor titulo de glória é ainda Hertha Thiele!

a u g u s t o d e m a n c i l h a

VALA COMUM

Soubemos que um semanário cinematográfico de Lisboa, em muito boas relações com o Bloco H. da Costa, pediu ao seu distribuidor do Norte um adiantamento de 5.000 escudos por conta das vendas futuras.

Esta notícia fazia parte de um lote que não tencionávamos publicar. Mas as coisas mudaram, infelizmente.....

✱

Invicta-Cine, no seu último número dá a agradável notícia de que vai suspender a sua periclitante publicação.

✱

Exibe-se em Paris, um filme chamado «Camisas Negras» que termina por aqueles apopléticos discursos do sr. Mussolini. Os comedidos franceses chamam-lhe filme de publicidade «non-déguisée».

Nossa Senhora de Fátima nos valha e livre de maus pensamentos!

✱

Acaba de realizar-se um filme sobre a vida actual de Hitler.

Seria talvez curioso que se realizasse um outro, mas sobre a sua vida passada.....

✱

A IMAGEM, nosso muito amado camarada de Lisboa, anuncia que reorganizou os seus serviços administrativos, de modo a regularizar a sua publicação, (até à data, sem ironia o dizemos, demasiado ocasional). Folgamos com a notícia e oferecemos de boa vontade àqueles nossos camaradas um dos calendários que temos na redacção, afim de que não volte a suceder-lhes o precalço que lhes sucedeu com o primeiro número publi-

cado após a citada reorganização de, serviços e que, anunciado para o dia 5 saiu afinal no dia 10.

✱

Dorothea Wieck, contratada pela Paramount imediatamente após o seu triunfo em «Raparigas de Uniforme» acaba finalmente de encontrar fôrma para o seu pé. O seu primeiro trabalho americano será no filme «A Mulher Branca».

✱

MOVIMENTO, penhoradíssimo agradece ao camarada e amigo Alberto Armando Pereira as referências elogiosas, amáveis e imerecidas que lhe fez no CINEMA. Igualmente agradece os seus votos de longa vida e largas prosperidades, retribuindo-os com a mesma sinceridade.

✱

Como noutra lugar se narra, faz-se «blague» entre os desempregados da Capital, àcerca do atrazo sofrido pelo nosso segundo número. São suficiente desculpa todos os melhoramentos que a nossa revista apresenta: papel, gravuras, número de páginas, etc....., dirigindo-se esta explicação aos nossos assinantes e leitores, únicas vozes que, para nós, conseguem chegar ao céu.

✱

É conveniente que alguns colegas nossos, recordem aquele provérbio árabe: «Só se abanam as árvores que teem fruto». E agora, deixem-nos em paz e socêgo. Brincadeiras de homens.....

✱

Animatógrafo, a revista do nosso camarada (?) Lopes Ribeiro, inseria no seu número 12, a propósito de «Vida Noturna» que já vimos, ali no São João, um dos tais elogios que o nosso director tam justamente condena no seu artigo «Publicidade» publicado no presente número de MOVIMENTO.

Esperamos que Antonio Lopes Ribeiro, no próprio interêsse do seu bom nome, modere os exagêros laudatórios dos seus colaboradores, sempre que, como no caso presente se dirijam a um filme que, no próprio interêsse da agência que o distribuia deverá passar em silêncio, a ver se escapa.....

SE NÃO SE ESTÁ MESMO A VÊR QUE A
LUPE VELEZ SE PREPARA PARA CANTAR
AQUELE FOX-TROT «MADRE, YO QUIERO
UN NEGRO!»





SILVIA SIDNEY, SONHA...

À MARGEM DE 2 RETRATOS

Retratos!....

«If I had a talking picture of you»,
lembram-se?

Eu creio que não estava muito certo, pois todos os retratos falam.... E não só falam do presente, como também do passado e até do futuro, fazendo-o com segurança, com verdade, melhor ainda do que qualquer vidente.

O que é preciso é saber entendê-los, como Bilac dizia falando de ouvir estrelas....

*

Aqui teem os leitores um retrato de Silvia Sidney. Reparem: no olhar existe uma suavidade, uma ternura, um enleio de recordação feliz, e isto porque nos seus olhos, bem lá no fundo, parece estar mergulhada a luz de outros olhos guiando-a para um paraíso, mas um paraíso da nossa era.

Amorosa, a Vida é-lhe suave, sem a preocupação do trivial, do comestivo, do necessário....

Tudo corre sereno e límpido, muito acima de contrariedades e afeições. Poderemos até ir mais longe interpretando a placidez que reflecte o seu espirito, como se o mundo existisse só para ela e para o seu amado. Dir-se-ia que vive e sente o amor como ninguém.

Se o Tempo é um sonho como disse Lenormand, a Vida será outro sonho ao contemplarmos Silvia Sidney, agora, aparentemente despreocupada, mas em cujo olhar não será difícil descobrir as ilusões fazendo ninho.

Ela será capaz de sofrer como poucas mulheres sofrem, de sentir como raras mulheres sentem, no entanto, reveste o seu heroísmo duma fragilidade de boneca como se não tivesse coração para sentir, nem alma para sofrer. E aparece aos nossos olhos como um brinquedo, um brinquedo mais do que desejado e apetecido.

*

Mas vejam, agora, como o mesmo sôpro anímico se revela em Wiliam Powell: veste elegantemente também, sem exagêros. De facto, parece—como se costuma dizer—estar menos mal instalado na Vida. No entanto, se bem repararmos, os seus traços fisionómicos indicam uma indiferença e uma «tristeza-cínica»—não acham? E observando-o melhor, fica-se com a impressão de que antes de chegar àquilo que é, passou, como se costuma dizer, as passas do Algarve.

Não concordam?

A Vida pode-lhe sorrir no mesmo ar franco, prometedor, com que sorri a Silvia Sidney, mas Wiliam Powell desconfia, duvida....

O seu destino levou-o por veredas difíceis de trilhar e êle receia agora, mais do que nunca, as encruzilhadas. Precave-se. E eu acho que procede muito acertadamente, pois—como disse não sei quem—homem prevenido vale por dois ou mais....

De resto, a diferença entre o carácter de êstes dois artistas é tão nítida, que

mal se olhe o retrato dum e doutro, pode-se afirmar com tóda a certeza o seguinte: Wiliam encara a Vida como éla é, Silvia Sidney encara a Vida como muitos desejavam que ela fósse.....

Todavia, nenhum dos dois é, na realidade, aquilo que mostra ser nestes retratos. E porquê?

Porque, certamente, estes retratos reproduzem apenas as personagens de alguns dos filmes interpretados por ambos.

Mas isto não quer dizer que para uns a existência não seja a primavera florida de tódas as suas aspirações e para os outros o inverno agreste de todos os seus infortúnios.

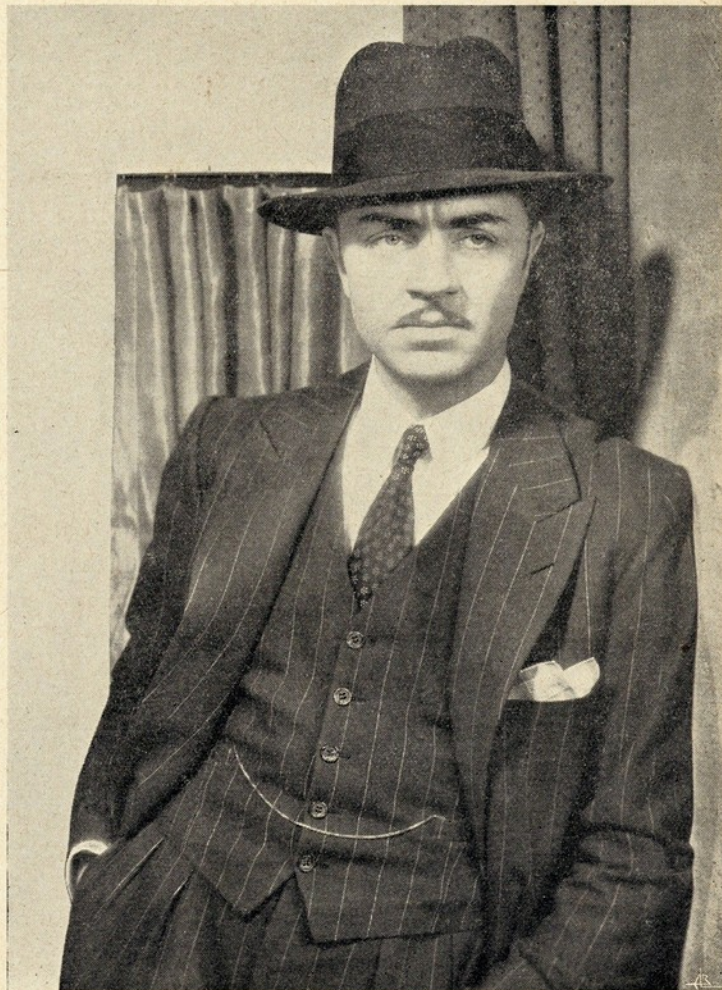
O que nós nos habituamos, não sei bem porquê, foi a olhar para os artistas de cinêma como para semi-deuses para os quais as coisas terrenas muito pouca importância deveriam ter. Habitamo-nos a considerá-los isentos dos pequeninos pormenores psicológicos, deshumanizando-os quasi, com a certeza absoluta de que todos eles gosavam neste mundo dum lugar priverligiado, sem attrictos de espécie alguma.

Houve um tempo até em que era perigoso dizer, a um grupo de meninas com quem se conversasse a respeito de cinêma, por exemplo o seguinte: Rodolfo Valentino e Mojouskine são rapazes como nós.....

Caía Troia. Hoje, mudaram um pouco os ventos, não tanto como seria para desejar. Conhecida mais por miudo a vida dos stúdios, divulgada, embora folhetinescamente, a vida das estrélas e dos azes cinematográficos, tudo isso veio aproximar um pouco do natural a existência deles.

Eu, porém, ainda hoje, quando vejo um retrato, acompanho a figura do herói ou da heroína com certo misticismo..... E creio bem dar-se com tóda a gente o que se dá comigo. Compreende-se: esse misticismo, tem até a sua filosofia.

Através das expressões da dôr ou do contentamento, da Despreocupação ou da Neurastenia, vê-se a cruel incertesa de não sabermos onde a realidade acaba para dar começo à ficção. Por isso, nisto de retratos de artistas de cinêma eu digo sempre como Pirandelo chamou a uma das suas peças: «Cosi e (se vi pare)»



WILLIAM POWELL, DUVIDA...

alexandre de medicis

CANÇÃO QUIETA

Linda,
Tão docemente linda,
É um gôsto vê-la!

— Oh! como é bela!

De-certo, ainda
Não acabou de sorrir,
Logo entristece
A pobre rapariga ...

Com seus cabelos de estriga,
Seus mudos lábios molhados
E uns olhos vagos, de prece,
Quási contentes, meio cansados
E fitos não sei em quê,
Dá vontade de amimá-la,
De tratá-la,
Por *você*.

— Amá-la?

Não!
Sorrir-lhe apenas
Ao pequenino coração,
Cobri-la de assucenas,
Falar-lhe de bonecas,
Correr com ela prados e charneças,
Húmidos ainda do orvalho,
Numa manhã de gôsto ...

... Nem dá nenhum trabalho,
Me parece a mim,
Fazer-lhe festas no rôsto
E ser para ela, enfim,
Como um irmão mais velho.

Oh! brincar com ela na praia,
Á hora em que o sol desmaia
Tornando o céu vermelho!

Que sossegada beleza
A desta rapariga
Que lembra uma cantiga
Alegre de tristeza!

Seu corpo enxuto,
Sem molezas nem quebranto,
Em que é branco o luto,
— É um encanto!

... E vós
— Vocês, rapazes! —
Se sois capazes
Dizei-me aqui a sós
Enfim,
Se em tôda a vossa vida
Não passou por vós
Quási despercebida
Uma pequena assim ...

luiz g u e d e s

jean arthur, merece bem esta canção ...



OS CINEMAS DO PÔRTO DURANTE O VERÃO

Confesso que andava já descoroado e triste...

Com a época de inverno a terminar, todos os dias me chegavam à redacção notícias desoladoras. Primeiro era o Olímpia que encerrava as portas para proceder a obras inadiáveis. Depois era a informação de que o Trindade ia igualmente fechar no fim deste mês para reabrir só em Outubro...

Ora eu que não possuo a invejável sorte dos meus colegas da «Invicta-Cine», que até suspenderam a sua publicação para melhor poderem gosar umas largas e merecidas férias, e me vejo, portanto, forçado a passar o verão entre os horrores da cidade, sentia confranger-se-me o coração com a perspectiva de ficar sem cinema durante um tão dilatado espaço de tempo. Em vão me apontaram o Batalha, que não deixará de funcionar, mas salvo raras excepções, apenas com reposição de filmes já exibidos, os quais em geral me não seduz tornar a ver, havendo entre eles alguns que eu desejava não ter visto nunca...

E o São João? É verdade, havia ainda o São João. Telefone para lá. O sr. Alvaro Pires não estava, mas devia regressar nessa mesma tarde de Lisboa, no Sud. Vindo da capital, o gerente do São João-Cine havia de trazer por certo novidades interessantes. Impunha-se a entrevista. Era a minha última esperança. E confesso que não foi sem uma pontinha de emoção que nessa noite transpuz o limiar do escritório da Empresa, onde aquele nosso amigo me recebeu com a sua amabilidade habitual.

— Então o «Movimento»? Já saiu o 2.º número? — desfechou-me logo de entrada.

— Ainda não — respondi eu. Quero dizer, está quasi todo composto, mas...

— É pena não sair com regularidade. Olhe que em Lisboa já se faz *blague*. Sabe como chamam por lá à vossa revista? *Calhanário!*

Abri desmesuradamente os olhos àquele extraordinário termo, um pouco envergonhado por não atingir de pronto o alcance da pilhéria.

— Calhanário... porque sai quando calha...

Sorri delicadamente, pensando que ao esforço de imaginação dos nossos amigos de Lisboa que inventam as piadas deve corresponder sempre da nossa parte a deferência, com ou sem esforço, de lhes achar imensa graça... Mas não pude, no entanto, deixar de observar que essa designação assentaria muito melhor em certa revista da capital, que sai quando calha, e até quando calha não sai (inconveniente este que os seus serviços de administração, muito recentemente aperfeiçoados, conseguirão evitar para futuro, com o que nos congratulamos de todo o coração).

Para evitar que a conversa degenerasse em palestra humorística, entrei deliberadamente no assunto.

— Como eu ia a explicar, a revista não saiu ainda, além de outros motivos, porque desejavamos esclarecer os nossos leitores acerca do funcionamento dos cinemas do Pôrto durante o verão. Há, como sabe, cinemas que fecham e cinemas que se limitam a fazer reposições. Procederá de qualquer destas formas o São João-Cine?

— Não, responde-me prontamente o sr. Alvaro Pires. A época de inverno segue-se, aliás sem solução de continuidade, uma nova época, que se poderá chamar de verão unicamente porque coincide com essa quadra do ano. Quero dizer, não faço *reprises* nem exhibo filmes inferiores. Vou levar alguns filmes que não tive ainda oportunidade de apresentar, mas que foram projectados em Lisboa durante a época passada. Assim, por exemplo, depois de *A Noiva da Escócia* irá ainda outro filme com Marta Eggert, *O Azul do Céu*, uma opereta deliciosa, em que essa artista, que tão rapidamente conquistou a simpatia do público, é inexcusável de graça e de gentileza. Levarei também o *Fidalgo Ladrão*, com Richard Dix que vimos ultimamente na «Mandchúria» ao lado de Gwuii André e possivelmente no mesmo programa *O Presídio diverte-se*. Os amadores de sensações fortes apreciarão *O Club dos Suicidas*, uma produção de Richard Oswald feito sobre uns contos de Stevenson e de Edgard Poe. Parece-me que não é preciso acrescentar



MIRIAN HOPKINS, QUE VIMOS EM «O MÉDICO E O MONSTRO» E VEREMOS EM «24 HORAS»

mais nada para se fazer ideia do ambiente... Projectar-se-á também *Damas do Presídio* com Silvia Sidney e um filme excelente, de que você vai com certeza gostar imenso: «*24 Horas*» com Clive Brook e Miriam Hopkins. Como sabe Clive Brook...

— ... é, incontestavelmente, um dos melhores artistas de cinema — rematei para que me não julgassem alheio às celebridades da tela. Trabalhou com Marlène Dietrich no «*Expresso de Xangai*» e...

— Exactamente, interrompeu receoso o meu interlocutor. Pois tem neste filme um grande papel. Depois Miriam Hopkins...

— Bem sei... A princesinha do «*Tenente Sedutor*» a extraordinária revelação de «*O Médico e o Monstro*», prossegui eu, implacável, desejoso de patentear a minha erudição cinematográfica.

— É uma grande artista, que triunfou rapidamente... E o filme, independentemente da interpretação, é ótimo. Você me dirá... Levo também *Os Segredos de uma Secretária* com Claudette Colbert, que foi justamente a protagonista do «*Tenente Sedutor*» que você citou há pouco. E outros mais. Numa palavra, o S. João-Cine esforçar-se-á por apresentar bons programas. Por enquanto é tudo quanto lhe posso dizer.

O Sr. Alvaro Pires tentava rematar a conversa. Um jornalista, porém não cede facilmente. Compenetrado desta verdade elementar, insisto:

— E na nova época, em Outubro?

O rosto do Sr. Alvaro Pires torna-se esfingico. Há um momento de silêncio, durante o qual perco completamente a esperança de lhe arrancar qualquer informação concreta.

— Em Outubro?... Não sei ainda... Apareça por cá mais tarde, dir-lhe-ei o que houver. Por agora só lhe posso anunciar que levarei no inverno o «*Gado Bravo*».

Trata-se, como o leitor sabe, da primeira produção do Bloco H. da Costa, com o celebre cómico alemão Siegfried Arno, realisada por Max de Nosseck e em que veremos, além da esposa do realizador, o trabalho dos nossos compatriotas Artur Duarte, Raúl de Carvalho e de Nita Brandão, gentilíssima senhora, filha do nosso Pôrto.

«*Gado Bravo*» é aguardado com o mais justificado interesse. Findara a entrevista. A conversa generalisa-se. Fala-se de várias coisas. Ainda a propósito do «*Gado Bravo*», o sr. Alvaro Pires conta-nos o esforço dispendido para a sua realização, a disciplina imposta aos artistas, que tem trabalhado em dias consecutivos desde as sete horas da manhã até ao fim da tarde. Cita-se também a «*Canção de Lisboa*» da Tobis com Beatriz Costa, Manuel de Oliveira e Vasco Santana e que será aqui exibida no Trindade na próxima época.

Em resumo, continuaremos a ter cinema durante o verão. E no próximo inverno veremos finalmente as primeiras produções portuguesas. Duas excelentes notícias para os cinéfilos portuenses que eu lhes transmito com a maior satisfação pessoal.



CLAUDETT COLBERT TAMBEM NOS VISITARÁ EM «OS SEGREDOS DE UMA SECRETÁRIA».

Exige-se constantemente do público frequentador dos nossos cinemas que crie ou eleve o nível da sua deficientíssima «cultura cinematográfica». Acho muitíssimo bem. A Imagem, ainda muito recentemente e pela pena do seu colaborador Fernando Barros erguia os seus justíssimos clamores.

Mas agora entendamo-nos. Pôsto que não existe em Portugal, um curso de «elucidação cinematográfica» — passe o pouco expressivo termo — o que devemos entender como compondo necessária e suficientemente essa cultura?

A que deve o espectador que vai ao cinema pagando, e não «de borla» como nós, habituar os seus olhos e o seu raciocínio? Como deve encarar os filmes?

Sob o seu aspecto de manifestação artística? Sob o ponto de vista tecno-industrial, isolando e criticando os trabalhos do aderecista, do caracterizador, do filmador propriamente dito?

No meu humilde entendimento, parece-me que a uma grande maioria do público, o cinema interessa apenas como espectáculo, meio de passar umas horas despreocupadamente, sem pensar na vida, pondo em acção a velha máxima otimista que diz: «tristezas não pagam dívidas»..... A outra parte do público, a minoria, pode olhar um pouco mais longe e encarar o cinema, já sob o seu aspecto de manifestação artística, já sob o seu aspecto de meio educador, que o é, e poderosíssimo.

Sendo assim, o aumento dessa «cultura cinematográfica» tam necessária como desejada, tenderia certamente a aperfeiçoar, primeiro, a minoria de público a que me referi, e a tentar depois, a sua transformação em maioria, modificação esta cuja dificuldade não é razão para que deixemos de a desejar e tentar.

E agora, pergunta-se: de que meios

PUBLICIDADE

dispõe o espectador para aprender a ver, a apreciar e a criticar cinema?

A quem está entregue o cuidado de lhe dirigir o gosto, de o elucidar, de o auxiliar, de lhe criar, emfim, essa cultura cinematográfica que somos unânimes em lhe exigir?

Evidentemente, a nós que escrevemos sobre cinema, e que, por isso mesmo que nos armamos em elite temos a restricta obrigação de o ser, ou, pelo menos, de trabalhar conscientemente para isso.

E surge agora a grande dificuldade. Partindo o nosso mais ou menos assíduo leitor da hipótese de que lhe falamos verdade, de que lhe indicamos como bons os filmes que na realidade o são, e de que lhe chamamos, nesses filmes, a atenção para qualidades artísticas ou técnicas que na realidade existem, não estaria o leitor confiado, e desejoso de se cultivar, no perigo constante de confundir aquilo que escrevemos por convicção com aquilo que escrevemos por dinheiro? Claramente que está!

Porque, cinéfilos e cinéfilas, perdi as vossas ilusões, enquanto é tempo.

Nós também pagamos ao alfaiate, ao sapateiro, e até à modista. Nós também comemos, nós também vivemos na verdadeira e material significação do termo. E, conseqüentemente, também nós temos necessidade dessa coisa a que se chama desdenhosamente «vil metal» mas que todos nós adoramos convicta e submissamente.

Ora, sendo verdade que as revistas de cinema, como quaisquer outras, necessitam de um auxílio monetário que só a publicidade pode trazer-lhes, porque êsse vício absolutamente pretencioso e prejudicial de desdenhar a publicidade comercial e industrial, para procurar apenas a publicidade cinematográfica? Êste vício é tanto menos compreensível, quanto é mais difícil encontrar argumentos a seu favor, e mais fácil encontrá-los contra.

E se não julguem vocês que leem, vocês que comprem as revistas e as pagam, e que teem portanto o insofismável direito de ter uma opinião e de que essa opinião seja ouvida e ponderada. A publicidade de camisolas, de meias, de conservas, ou de qualquer outra coisa, não nos obriga a nada nem nos impede de coisa nenhuma. Pelo contrário, a publicidade de qualquer firma distribuidora, impede-nos de vos precaver contra os possíveis maus filmes que essa firma distribua, e obriga-nos ainda a afirmar que êsses filmes são todos bons, quando não todos «melhores».

Muita gente pretende ser a clássica página de anúncios absolutamente contrária à estética de uma boa publicação. Concordamos que isto seja assim, apesar de que é esta uma afirmação que poderia com facilidade discutir-se.

A inteligência e o bom gosto não se fizeram para ser guardados numa gaveta fechada a sete chaves.....

Portanto, sejamos claros.

Que direito teremos nós de exigir o elevamento do nível cultural do público, se nós somos os primeiros a mentir-lhe e a mentir-lhe conscientemente, o que é peor?

É fácil de ver. As revistas de cinema, para poderem criar no público o ambiente de confiança de que necessitam, e de que o próprio público necessita igualmente, teem de consentir que os seus colaboradores digam o que pensam, com independência absoluta, sem as peias que meia duzia de escudos pagos por qualquer firma distribuidora lhes poriam imediatamente na consciência e na bôca.

Ninguém, a não ser um doido, efectua publicações senão com o intuito de que o público as compre e as leia.

Daqui a indiscutível necessidade de criar nesse público o ambiente de confiança a que me referi, ambiente êste que só pode ser creado pela existência de uma situação de «absoluta liberdade e independência intelectual».

De outro modo, aquele que compra uma publicação especializada com o intuito de fazer exactamente aquilo que lhe pedimos, isto é: cultivar-se, aprendendo a conhecer os bons filmes e os maus filmes, considerar-se-ha inúmeras vezes, muito pura e simplesmente vigarizado. E terá muitíssima razão!

Se quizesse discutir comercialmente a razão porque, na grande generalidade dos casos as revistas de cinema procuram de preferência a qualquer outra a publicidade que pode interessar directamente a esta agência distribuidora, ou àquele cinema, poderia fazê-lo facilmente, e sem réplica possível.

Mas êste artigo não é escrito com o intuito de agredir ninguém, e é, de resto, muito possível que eu volte ao assunto.

O que me interessa de momento, é frizar a necessidade de que revistas de cinema que se presem, que tenham à sua frente pessoas cujo nome já possua responsabilidades e mais possuirá possivelmente no futuro, reparem atentamente nas informações que transmitem ao público, que afinal é quem paga, e tem o direito de que lhe não sirvam gato por lebre.....

armando vieira pinto

ELEGANCIAS

VESTIDOS DE RUA

Para tarde, a combinação de branco e preto continua vitoriosamente à cabeça. Novas combinações de cores, como: beije-castanho, cinzento-vermelho, etc. possuem também a grande predileção das elegantes.

Mas a primeira enunciada, branco e preto, pela sua maior distinção ocupa declaradamente o primeiro lugar.... As peles, que tanto enriquecem os abafos de inverno são substituídas, este verão, por graciosíssimas «ruches» na saia e nas mangas.

Êste enfeite, sempre leve e fantasioso, alegra a toilette, dando-lhe qualquer coisa da vaporosidade que é o traço dominante da moda, este verão.

Usam-se imenso as combinações de vestido e casaco «três-quartos» executados no mesmo tecido, ou em tecidos de coloridos diferentes, quâsi sempre em tons opostos. Assim, como acima dizemos, são felicíssimas as combinações de vestidos brancos, vermelhos ou beije, com casacos «três-quartos» respectivamente pretos, cinzentos ou castanhos.

A moda abandona — oxalá definitivamente! — todos os exageros e todos os pretenciosismos que tantas vezes a têm prejudicado.

Volta à linha simples, racional, sempre elegante, sempre sóbria e de seguro bom gosto.

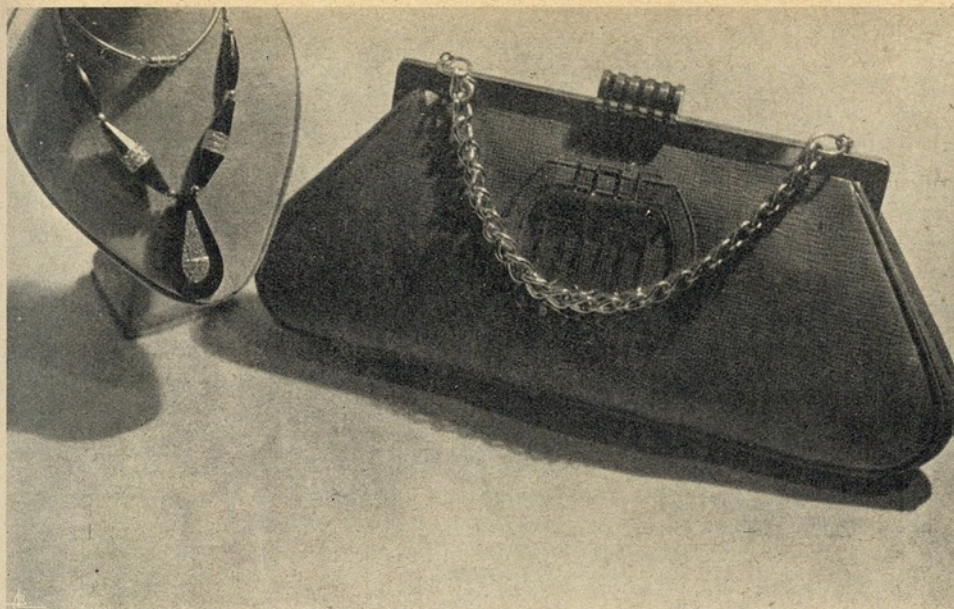
Para este particular de vestidos usados à tarde, nos seus passeios pela cidade, a mulher elegante adapta cuidadosamente ao seu fisico e à sua idade os coloridos e os modelos. E só tem a lucrar com isso...



Combinação de vestido preto e branco e casaco «três-quartos» preto, da colecção de Albano Ramos Pais & Filho.

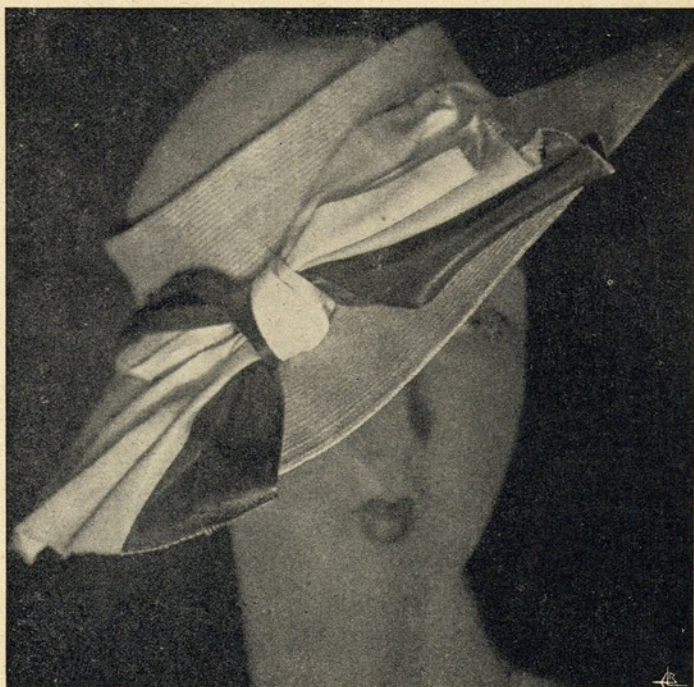


Uma criação exclusiva do «Tricot Nonpareil» da Avenida dos Aliados.



Bolsa e colar apresentados ultimamente pela casa «Turqueza» da Rua 31 de Janeiro.

Chapéu em palha «benguela»
guarnecido a fita «cirée»
vermelha, beije e branca. Modelo
da casa «Au bon marché» da
Rua 31 de Janeiro.



ELEGANCIAS

FATOS DE SPORT

Nos campos, nas praias, nas termas, a maior parte do dia é tomada pelo sport. O homem elegante vê-se dêste modo obrigado a cuidar do seu trajo para êsse fim, com a mesma atenção com que cuida do seu fato de baile ou cidade.

Eis o império dos tecidos claros, das côres vivas, dos trajos essencialmente juvenis e um pouco à-vontade — atenção, porém, aos exageros! — muito embora para alguns o sport não passe de um pretexto. No entanto, para o homem já de certa idade, os tecidos maleáveis e sóbrios são sempre vantajosos.

Para o homem verdadeiramente elegante, há uma diferença muito sensível entre os casos em que o fato de sport deve ser usado com calça ou «knicker».

Para viagem, por exemplo, a calça é mais preconizável apesar de o «knicker» ser mais confortável, e isto porque torna o trajo mais correcto, permitindo nas paragens para almoçar ou mesmo visitar qualquer localidade, que o seu possuidor se apresente sempre bem.

O tecido mais em voga para os trajos de sport é o «homespun» que constitue uma indústria caseira dos camponeses da Escóssia. O verdadeiro «homespun» possui um cheiro característico, proveniente de não terem sido desengorduradas as lãs com que foi tecido, dando-lhe êste próprio facto a vantagem de ser um tanto impermeável.

Êste tecido tem no entanto o inconveniente de obrigar a um duplo fundilho, o

que se torna possível no «knicker» mas não na calça. Daqui a sua substituição muitas vezes, pelos tecidos «sportex» que permitem a confecção de qualquer destas duas peças. Para o tecido «sportex» empregam-se fios torcidos a 4 ou 6 cabos, de modo a aumentar-lhe a maleabilidade, abundando nas grandes colecções como padrão o quadriculado meúdo de tons e combinações variadíssimas. Êstes fatos usam-se com camisas de oxford ou malha em cores muito vivas.

Em resumo, para os fatos de sport, subsiste a regra geral de fugir de todos os exageros espalhafatosos, sempre de gosto muito duvidoso.

Em compensação, as características: conforto, senso prático, juventude, são fundamentais.....

pinheiro da rocha

A «Smart Camisaria» da Rua Sá da Bandeira apresenta as camisas de malha tão em voga, em vermelho, azul, verde e branco. —



A NOSSA-VOSSA FESTA

Evidentemente que durante o espaço de tempo que passou entre a saída do nosso primeiro e do nosso segundo número, a ideia da Festa que MOVIMENTO prepara, evoluiu no nosso espírito de forma a ir-se aperfeiçoando. Vários leitores nos apresentaram sugestões umas boas outras más

Agradecemos as boas e as más, reservando-nos o direito, é claro, de aproveitar as primeiras e regeitar as segundas.

Outros leitores, então pedem-nos explicações sobre certos pontos que reputam obscuros. Não estamos aqui para outra coisa.

SÊLOS

Alguns mostram-nos o seu pesar de inutilizar a nossa revista para cortar e colecionar os selos que publicamos com o fim de nos provarem a sua ASSIDUIDADE conquistando assim o direito de assistir gratuitamente à nossa FESTA. Essa dificuldade é facilíma de remover.

Desde que desejam colecionar as revistas, não recortem os selos.

E não façam mais perguntas neste género porque senão perdemos a consideração que temos por vocês. Que diabo! Nenhum de nós é o Hitler....

ENTRADAS PARA ASSINANTES COM FAMÍLIA

Perguntam-nos, e isto já com certa razão, como hão de fazer os nossos assinantes que desejem assistir à FESTA acompanhados. Evidentemente, se o número dos nossos assinantes o permitisse, não teríamos dúvidas em ceder a cada um as entradas de que necessitasse. Mas temos assinantes demais para isso, e resolvemos portanto reservar os camarotes e as frizas para aqueles que, pela sua amizade ao MOVIMENTO se tornem merecedores de excepções.

Vamos portanto estabelecer o seguinte: as entradas de Plateia, 1.º e 2.º Balcão, ficam reservadas aos nossos assinantes. As de Galeria e Promenoir, a todas as pessoas que pela sua situação não possam assinar ou comprar o MOVIMENTO, mas que assim mesmo tem direito à vida: asilos, casas de caridade, etc....

Os camarotes e as frizas, para aqueles dos nossos assinantes que nos consigam entre os seus amigos novas assinaturas. Por exemplo: Vocês querem um camarote de 2.ª?

Arranjam-nos 5 assinaturas.

Querem um camarote de 1.ª ou uma Friza?

Arranjam-nos 10 assinaturas, e pronto. Compreendido?

O SORTEIO

A nossa lista de prémios aumenta dia a dia. E já no próximo número começaremos a publicá-los, não pela sua ordem de valores, mas sim pela ordem por que, gentilmente acederam ao nosso pedido, as casas a que nos dirigimos.

O CHÁ DANÇANTE

Caminha de vento em pópa. Já conseguimos a promessa da vinda de duas das raparigas da TOBIS e havemos de conseguir mais. Com menos de meia duzia não nos satisfazemos. Isto não é por nossa causa, seus má linguas! Nós somos seis, mas alguns são casados.... E a Marianela também tem direito à vida....

O FILM DE MOVIMENTO

O mais difícil era o capitalista, e já cá canta! O resto também há de ir!!!

Agora leiam o artigo especialmente dedicado ao nosso filme. Interessa-vos, tenho a certeza!

2

movimento

O MANOEL E A MARIANELA CONVERSAM

Nesta altura, bateram à porta.

— Entre!

A porta abriu-se e, no limiar, apareceu o Manuel de Oliveira risonho, cinematográfico, galã da Tobis desde a sola dos sapatos à copa do chapéu. Manifestação geral!

O Manuel estranhou tam vibrante acolhimento. Os abraços choveram, as perguntas formaram monte e êle ficou mais comprometido e embaraçado que se tivesse à sua volta tôdas as meninas da Tobis. Eu não o larguei mais e, agarrando-o por um braço, arrastei-o para fora da redacção.

Vamos tomar qualquer coisa!

E fomos. Não gosto de acompanhar o Manuel de Oliveira. Êle é, em qualquer parte do mundo, um lindissimo rapaz (olhem que eu sou exigente!) e, ainda que na rua não mostre ao natural, como na página ao lado, as maravilhas com que a natureza o dotou, a sua aparição desperta sempre uma curiosidade. E eu não gosto que as outras mulheres fixem o homem que me leva pelo braço.

Ora, o Manuel arrastou-me para o Bar Borges. E ali, em frente dum White Horse, comecei: — Como arranjou Você a ser o galã da *Canção de Lisboa*?

— Não sei bem! O Chianca de Garcia, não sei porquê, falou em mim ao Cottinelli Telmo. Foi convidado, seguiu para Lisboa, experimentaram-me e fui contratado.

O *não sei porquê* é modéstia. O meu entrevistado, como galã interessará seguramente. E até poderá, se lhe pedirem, meter o nariz na realização, pois sabe, a fundo, de cinema. O *Douro, faina fluvial* é uma prova que não se discute.

— Que papel desempenha?

— Sou um estudante rico e amo uma Maria da Graça, rapariga simples e bonita como o nome que lhe deram no *film*.

— E é amado?

— Você já viu algum galã de cinema que não seja feliz nos seus amores?

Confessei que não.

— E está você satisfeito com o papel?

— Sim! É pequeno, simpático e será uma prova das minhas possibilidades de interprete: se má, terá o mérito de ser curta; se boa, dar-me-há entusiasmo para mais longas tentativas. Além disso, esta minha ida para a Tobis dá-me outra grande alegria: acompanhar de perto a filmagem. O meu maior desejo é ser, como a Marianela sabe, acima de tudo realizador.

— Como realizador, que quereria fazer?

— Documentário. O documentário, prolongamento do *Douro, faina fluvial*, que dirigi com o António Mendes a dar à manivela, continua interessando-me superiormente pois é, em meu entender, a mais característica modalidade do cinema. Tenho uma admiração extraordinária pelo Walter Ruthman e pelos seus *films*.

— E outros géneros?

— Penso, também, num pequeno ensaio com personagens em drama. No entanto, sempre cinema com meios e fins absolutamente artísticos.

— E resultados?

— A maioria dos *films* de Arte vindos a Portugal não têm interessado o público. Isso não é, porém, uma razão para que não se siga êsse caminho. Do público podem esperar-se as maiores surpresas, tantas que julgo possível êle aceitar e aplaudir um trabalho artístico, não tolerando outro de fins meramente comerciais. René Clair, por exemplo, que procura apresentar sempre alguma coisa de novo, conseguiu fazer-se admirar por todos em *Sob os Telhados de Paris* e *O Milhão*.

Eu poderia discutir, mas hoje as minhas opiniões não interessam. Preferi continuar a ouvir.

— O meu ideal seria realizar uma obra que puzesse de acôrdo a minha maneira de fazer cinema com a satisfação das plateias. E sabe porquê? Porque uma fita custa bastante dinheiro!

— Onde irá buscar o argumento?

— Se perguntasse onde iria buscar o capital, seria mais difícil responder!

Não insisti pois o Manuel é muito capaz de ir buscar os argumentos à sua cabeça, que só pensa cinema. Vou, pois, a outra carga:

— Mas, a Tobis...

— O Cottinelli Telmo é um *realizador*! Tenho gostado muito de o ver dirigir os artistas e, duma pessoa inteligente, não podemos esperar uma obra má. Uma disciplina absoluta junta a uma excelente vida de camaradagem e trabalho. Boa disposição, bom gosto...

— ... então, divertem-se?

— Um pouco! Temos lá uns deliciosos almoços, na cantina dos estudos. Você está convidada para um! Na primeira ida a Lisboa...

— E as meninas?

— A minha apaixonada na *Canção de Lisboa* é Ana Maria, mas estou apaixonado por todas.

— Então, as meninas do Pôrto podem perder as esperanças?

— Por Deus! Não fale mais em mulheres, que até como motivo de conversa me peturbam! E não me pergunte mais nada, Marianela! Eu quero saber.....

.....
O que o Manuel de Oliveira — rapaz belo, elegante, galã da Tobis e realizador de mérito — me perguntou, o que eu respondi e o resto, isso não interessa.

O que interessa é êle ter dado a uma mulher uma entrevista não amorosa, a sua primeira entrevista como galã de cinema. Isso, sim interessa!

m a r i a n e l a d e c a s t r o



m a n o e l d e o l i v e i r a

(Foto de F. Viana, admittida ao Salão d'Arte
Fotográfica de Poitiers).

RAUL DE CARVALHO É O GALÃO DO -GADO BRAVO-

Fomos ter com o Raúl de Carvalho ao Teatro Nacional. Encontrámo-lo à saída, e fomos Avenida acima, até ao Hotel Tivoli, onde estão hospedados a maioria dos componentes estrangeiros do «Bloco H. da Costa».

Como sabem, leitoras, êle é um moço desempenado, alto, forte, insinuante e (como vocês dizem) cheio de «sex-appeal».

Assinou o contracto com o «Bloco» sem ter lido o papel que lhe cabia e confessa-nos que o não calculava tão difícil. No entanto está contentíssimo, mesmo entusiasmado, pois coaduna-se perfeitamente com o seu temperamento. Faz o Manuel Garrido, um abastado proprietário ribatejano, que é cavaleiro tauromáquico, que monta cavalos em pêlo no meio do seu gado bravo e que perde a cabeça com os toiros e com Nina — papel que é interpretado pela suculenta Olly Gebauer.

Nosseck — realizador alemão e super-visor dêste filme — está entusiasmado com a interpretação de Raúl de Carvalho. É raro repetir-se uma cena por sua culpa. Não trouxe vícios do teatro. A principio ainda havia as observações e conselhos dos dirigentes do filme. Agora nem isso. Há quasi uma semana que estão a filmar exteriores em Lisboa e antes-de-ontem fizeram-se algumas das cenas mais movimentadas.

Oiçam: é o dia da festa artística de Manuel Garrido; o Campo Pequeno está à cunha; aproxima-se a hora do começo e o festejado não aparece. O tempo passa, passa..... e já passa da hora; o público barafusta, berra e assobia.....

Manuel Garrido corre Lisboa de lés a lés em busca de Nina, que êle não quiere deixar partir. Anda embriagado pela mulher, cansado das correrias de hotel em hotel e tonto, só tonto, pelo vinho com que procura acalmar-se; (Raúl de Carvalho foi felicíssimo na exteriorização dêstes três sentimentos). Por fim, extenuado, aniquilado, vai para uma taberna de que é freguês. Artur, papel desempenhado por Artur Duarte, que saiu da praça de Toiros em sua procura, encontra-o, arranca-o da taberna e leva-o para a corrida. Manuel Garrido deixa-se ir e entra para a praça inconscientemente, atirado por Artur.

Esta última cena é duma dificuldade incalculável e foi feita três vezes, do que Raúl de Carvalho gostou imenso, pois assim ficou convencido que o obrigam a repetir tôdas as cenas logo que achem necessidade de o fazer, e que não passam à frente por delicadeza. Mas não tem sido preciso. Raúl de Carvalho tem estado formidável.

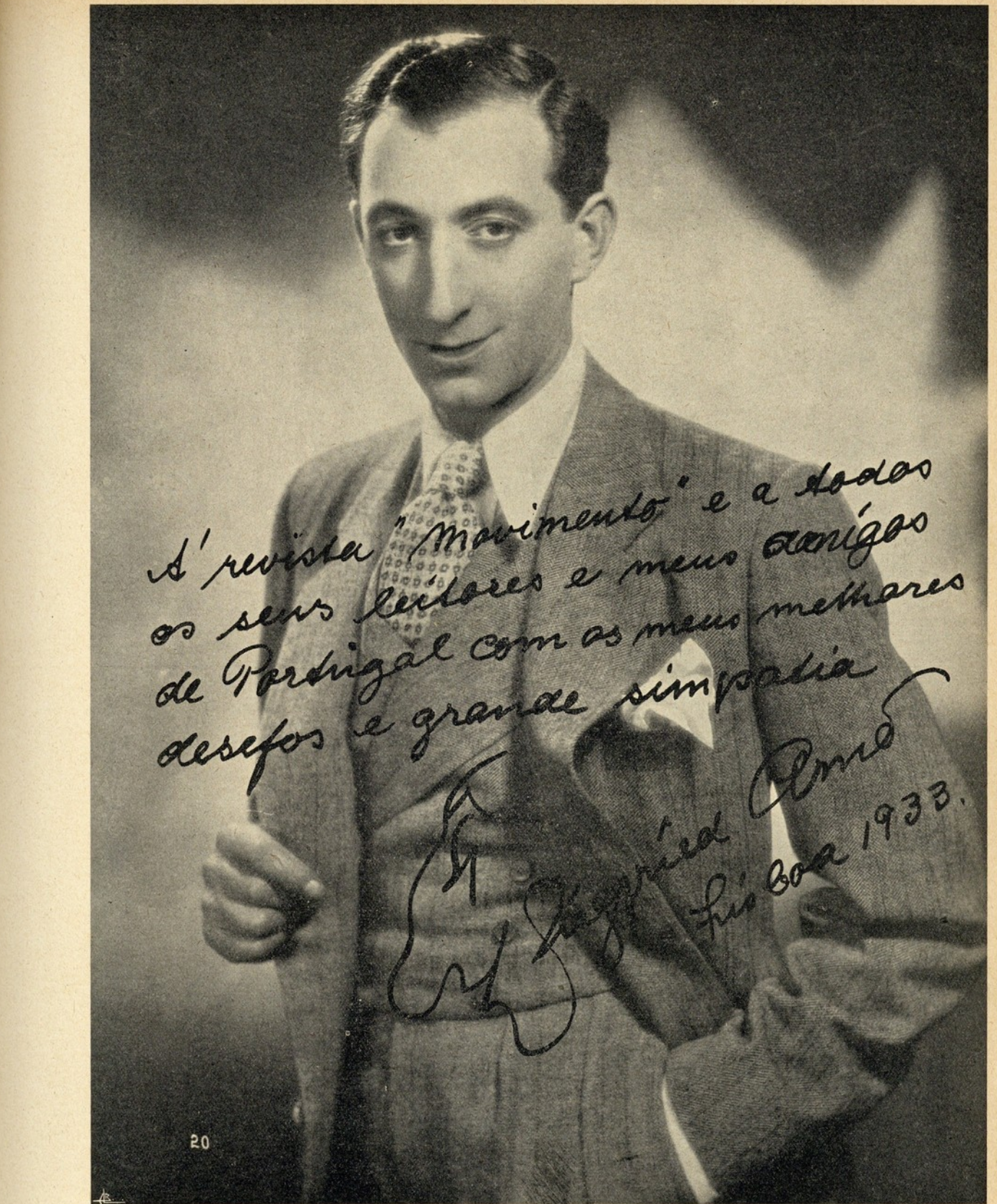
Leitor; desculpa-me, mas por mais que fizesse não consegui convencê-lo a dizer-me quanto ganha neste filme. É segredo. O «Bloco» não deixa.

Sabem como chamam os ardinas ao Raúl quando o vêm de jaleca, chapêu à Mazantini, faixa à cinta, polainas e esporas? O Tom Mix. Um teve êste comentário: «Tom Mix?! Ó filhos para chegar a Tom Mix ainda tem que comer muito pão com «xoriço». Isto contou-mo o próprio Raúl com uma modéstia não forçada que lhe fica bem.

São 10 horas da noite. O combóio correio parte daqui a 10 minutos e tem que levar êste artigo. Mas ainda vos quero dizer que os exteriores de Lisboa ficam prontos esta semana. Segunda-feira começa a faina em Vila Franca de Xira. Os interiores vão ser filmados em Paris. O filme vai ser apresentado em Portugal, Brasil, Espanha, França, Bélgica, Alemanha, etc. Tem corrido tudo o melhor possível. Estão todos cheios de boa vontade e entusi..... Ai que perco o combóio!

Às 10 e 9 minutos da noite de quarta-feira, 12 de Julho de 1933.

t e l m o f e l g u e i r a s



A revista "Movimento" e a todos
os seus leitores e meus amigos
de Portugal com os meus melhores
desejos e grande simpatia

Siegfried Arno
Lisboa 1933.

O FILME DE -MOVIMENTO-

Cinéfilas e Cinéfilos do Norte!

Sentai-vos e recebei com a possível serenidade esta notícia sensacionalíssima: MOVIMENTO acaba de conseguir o auxílio financeiro de que necessitava para a realização do filme em que vos falou.

Escusais de fazer boquinhas preciosas, por que nós temos a certeza absoluta de que a notícia vos deu no gôto, como se costuma a dizer. Ora bem: agora, só vos resta fazer uma coisa: pôr a vaidade de parte e pensar, sinceramente, se tereis ou não habilidade e figura para fazer cinema.

Necessitamos para os papeis principais, de 2 rapazes e 1 rapariga. E vamos descrever-vos, em meia dúzia de palavras o tipo que deverão ter êstes três interpretes, para que a primeira selecção seja feita por vós próprios. Aí vai:

A R A P A R I G A

Vinte sete anos de idade aproximadamente. Alta, flexível..... Reparem que não dizemos etérea.

Nada de complicações sentimentais. Adora na vida, o que ela tem de bom: os prazeres.

O resto é com o realizador.....

U M D O S R A P A Z E S

Trinta anos, intelectual, decadente, nervoso. Fraqueza física, desequilíbrio.

O O U T R O R A P A Z

Vinte anos. Fôrça, beleza, saúde. Físico perfeito.
E é isto.....

Ora muito bem. Agora trata-se de que vocês façam, em casa, a primeira eliminatória.

Nós temos muitíssimo que fazer. Não é justo que nos tomem tempo, se não teem probabilidades de ser aceites.

Passemos em seguida à

2.ª E L I M I N A T Ó R I A

Quem quizer concorrer a esta 2.ª eliminatória faz apenas o seguinte: primeiro assina MOVIMENTO por um trimestre (o que nada lhes custa, dadas as vantagens que já possuem os nossos assinantes, e aquelas que virão ainda a possuir); em seguida manda-nos 2 fotografias, sendo uma de corpo inteiro e a outra um grande plano do rôsto.

De entre todos os concorrentes que se apresentem, serão escolhidos por nós em cada quinzena, DOIS RAPAZES E UMA RAPARIGA.

Êstes três serão fotografados gratuitamente pelo artista Francisco Viana—oportunidade que muita gente deseja e pouquíssima gente tem—; e as suas fotografias serão publicadas no número de MOVIMENTO que saia imediatamente a seguir.

A F I N A L

será na nossa Festa, e APENAS ENTRE OS VÁRIOS PRIMEIROS CLASSIFICADOS, das duas ou três quinzenas que faltam para a sua realização: VAMOS, RAPAZES E RAPARIGAS: CONCORRAM!

NOTA DA REDACÇÃO

As raparigas que queiram concorrer e o não possam fazer porque os papás não deixem, podem prevenir-nos que nós metemos empenhos.



ORA DIGAM SE NÃO FOI UMA PATIFARIA
A MORTE DESTA OVELINHA SEM FEL,
NA «MANDCHURIA». E ELA ENTÃO QUE
TRATAVA TÃO BEM DOS CHINESINHOS...

UM CONCURSO

A gerência do nosso melhor cinema, o São João-Cine, cuja amizade por nós não perde o menor ensejo de se manifestar, aceitou gentilmente ao nosso pedido.

E assim é que iniciaremos naquele cinema, no próximo dia 31, com a saída do 3.º número da nossa revista um concurso curioso, simples, e em que haverá esta novidade interessante: **TODOS OS CONCORRENTES SERÃO PREMIADOS.**

OS PRÊMIOS

ENTRE OS CONCORRENTES QUE SE CLASSIFIQUEM SERÁ SORTEADO UM PRIMEIRO PRÊMIO AGRADABILÍSSIMO, OU SEJA: 15 DIAS EM LISBÔA, NO HOTEL METROPOLE, COM AS DESPEZAS PAGAS, INCLUINDO: VIAGEM, ALMOÇO E JANTAR NO RÁPIDO, ESTADIA NO HOTEL E BILHETES DE CINEMA TÔDAS AS NOITES.

ALÉM DISSO, O NOSSO CORRESPONDENTE EM LISBÔA ESTARÁ À DISPOSIÇÃO DO FELIZ PREMIADO PARA LHE CONSEGUIR A ASSISTÊNCIA AOS TRABALHOS CINEMATOGRAFICOS EM CURSO.

Como vêm, o PRIMEIRO PRÊMIO É DE TENTAR.

Aos primeiros 20 concorrentes que se apresentem daremos gratuitamente UMA ASSINATURA ANUAL da nossa revista, com tôdas as vantagens das assinaturas «a pagar».

A todos os concorrentes que se classifiquem, daremos o direito de assistir GRATUITAMENTE a uma sessão no São João-Cine.



V A R Z E A
O MAIS ELEGANTE CABE-
LEIREIRO DE SENHORAS,
DO PORTO, PENTEIA ASSIM.

O CONCURSO

O concurso é muito simples, como vereis. Cada um dos nossos números que saia durante a efectivação do concurso (e que serão 3, isto é: o número 3, o número 4 e o número 5) publicará 2 fotografias de 2 ARTISTAS entrando no filme que à data se exhiba no São João-Cine.

Por sua vez, ao comprarem o seu bilhete, os frequentadores do nosso mais elegante cinema receberão a fotografia de UMA ESTRÉLA entrando igualmente no filme em exhibição.

Trata-se apenas de colecionar as fotografias, juntando aos pares o Artista e a Estréla que trabalham juntos em cada filme.

As pequenas cadernetas destinadas a isso, serão gratuitamente distribuídas a quem as requisite na nossa redacção ou na bilheteira do São João-Cine.

UM EXEMPLO

Suponhamos que o São João-Cine exhibiria o GADO BRAVO e CANÇÃO DE LISBÔA as duas produções nacionais em que actualmente se trabalha em Lisboa. Os frequentadores do São João-Cine receberiam, por exemplo, numa semana a fotografia de Beatriz Costa e na semana seguinte a de Nita Brandão.

O MOVIMENTO que nessa ocasião esteja à venda publicará as fotografias de Raúl de Carvalho e Vasco Santana.

Que farão vocês? O seguinte: recortam do MOVIMENTO a fotografia do Vasco e colam-na na caderneta juntamente com a da Beatriz, escrevendo por baixo o nome do filme em que trabalham juntos, ou seja: CANÇÃO DE LISBOA. Em seguida, fazem o mesmo às fotografias de Raúl de Carvalho e de Nita Brandão (exige-se consideração por esta senhora que é «tripeirinha» de gêma) e escrevem por baixo: GADO BRAVO.

E pronto! Para facilidade, encontrareis o MOVIMENTO à venda no próprio cinema, nos dois «buffettes».

Compreendido?

ESTAÇÃO DE SERVIÇO

SALA DE ESPERA

Dois leitores, curiosos e bisbilhoteiros como todos os cinéfilos que se prezam, perguntam-me, muito intrigados, porque razão uma das mais bonitas raparigas da Tobis escolheu o estranho pseudónimo de Polymar. A nós próprios já havíamos feito igual pergunta, se bem que nós concedamos, a quem quer que seja, o pleníssimo direito de escolher os pseudónimos que entender, sem disso ter de dar satisfações a ninguém. Mas ao ser-me entregue o comando desta secção, o Armando impuzera-me o dever de descobrir todos os mistérios de aclarar todas as coisas confusas, de satisfazer o mais possível todas as curiosidades... O meu «brio profissional» (deixem-me chamar-lhe assim) obrigava-me, pois, a não recuar diante dum caso destes, que prometia ser difícil de resolver, visto que a única pessoa que nos poderia esclarecer — a própria Polymar — se recusava a dar-nos explicações.

A primeira vista o problema parecia insolúvel. Mas eu li Conan Doyle... e aprendi com Sherlock Holmes infalíveis processos de descobrir os segredos mais indecifráveis. E tudo se resolveu. Ora vejam: Polymar tem uma inclinação sentimental por um conhecido desportista que já entrou em dois filmes de Leitão de Barros. Separem as três primeiras letras de cada um dos apelidos desse rapaz e terão: Oli... Mar... Juntem essas letras, troquem o i por um y, juntem um P para disfarçar e terão: Polymar.

Agora digam lá que eu não sou esperto...

EXPEDIENTE

MADAME AMOK — Não imagina como fiquei contente por receber a sua carta! Não foi a primeira a chegar mas... como poderia eu negar-lhe esse prémio que mostra tantos desejos de receber?... Fica prometido. Entregar-lho-ei pessoalmente... na primeira oportunidade... Verá como há-de gostar... Os rapazes do «Movimento» agradecem desvanecidos os abraços que lhes manda e tem muita pena de não os poderem retribuir... Está muito enganada, Madame. Não tenho nenhum «béguin» por essa tal menina que tem um nome parecido com uma marca de gramofones... Eu tinha pensado nisso, mas quando soube que ela olhava em cruz... desisti logo...

Gostei de ler a sua opinião sobre os filmes «Vidas Íntimas» e «Legionários». Seguirei os seus conselhos, mas deixe-me dizer-lhe que os filmes de cães nunca me divertem inteiramente, porque não posso separar a graça que lhes encontro, da lembrança das torturas que os pobres bichos sofrem...

Até breve. Obrigadinho pela sua carta, pelas suas amabilidades e pelo seu chi-coração, que eu retribuo com um chi-coração maior!

PETER — Obrigado pelas duas assinaturas e obrigado pelas lisonjas. Saberemos corresponder à simpatia e amizade que Vocês todos nos tributarem, fique certo disso.

Peter Lorre, se ainda não mudou de residência, mora em Schluterstrasse, 48, Berlim, Alemanha. Creio que lhe mandará o autógrafo.

UM ENTUSIASTA PELO CINEMA PORTUGUÊS — Ser entusiasta pelo cinema nacional fica-lhe muito bem, mas, para outra vez, veja se arranja um pseudónimo um bocadinho «maior»... Os elementos estrangeiros que fazem parte do Bloco H. da Costa devem ser,

como Você calcula, vítimas do nacional-socialismo alemão. Max Nosseck, como Pommer, como Fritz Lang, como Pabst, como Erik Charell e muitos outros, deve ter sido corrido da Alemanha pela fúria nazi, por não ter, certamente, 100% de sangue alemão. E no final de contas eles perderam um bom realizador e nós ganhamos com a sua vinda a Portugal. Não sei presentemente a direcção de Saïr Ben-Hafid. A marota já não me escreve ha muito tempo. Creio que não pensa em fazer cinema, de novo.

UMA MORENITA — E eu que tenho um fraco pelas morenas... A minha secção é autónoma. Nada tem que ver com as secções vizinhas. Aqui, minha simpática morenita, só se tratam assuntos de cinema. A minha opinião sobre os conhecidos «concursos cinéfilos» não é das mais favoráveis, mas também não quero mal nenhum a quem os organisa... Gustav Froelich, que é de facto um excelente actor e um rapaz muito bem parecido (não desfazendo nos não menos bem parecidos camaradas do «Movimento»...) mora em Berlin-Zehlendorf-West, Zietenstrasse, 3. Não me incomodou absolutamente nada. Ficarei mesmo muito contente se voltar a escrever-me.

ANNY-ONDRAFILO — Que pseudónimo tão mal sonante!... Você quer então saber quantos anos tem a Anny Ondra! Mas isso é uma incorrecção! Nunca se perguntam os anos duma senhora... Lá a direcção dela não tenho dúvida em dar-lha: Berlin-Charlottenburgo, 9, Sachsenplatz, 12, Alemanha. Sempre será bom mandar-lhe, pelo menos, dois ou três marcos, em sélos. Pode escrever-lhe em alemão, francês ou esperanto.

VENUS DA COSTA VERDE — Quem me dera ser Marte!... Você merecia receber o «Movimento» de borla, durante um ano, em paga da sua carta tão amável como perfumada... Mas não recebe, esteja descaçada. O administrador é judeu...

Mas vamos ao que importa. O actor que fazia de carteiro no filme *Anny e os carteiros* é Vlasta Burian. Tem um nome muito feio, mas eu não tenho culpa, palavra de honra. O nosso amigo René Lefebvre recebe correspondência no número 3, rue des Trois-Frères, Paris (XVIII), França. Estão satisfeitos os seus desejos. Agora, fico esperando que volte a escrever-me.

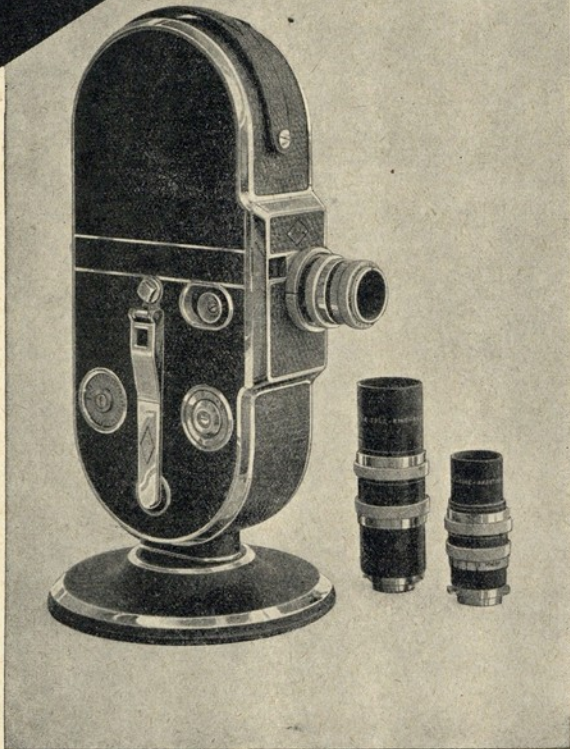
ANIBAL MASCARENHAS — Estamos-lhes muito gratos pela sua carta e pela amizade que nos promete.

APARTADO N.º 13

O REI DOS CINÉFILOS (Porto) — Deseja trocar correspondência sobre todos os assuntos e especialmente cinematográficos, com jovens cinéfilas de capital.

FOTOGÉNICO (Porto) — gostaria de trocar conhecimento com uma rapariga que gostasse de cinema e de sport e que quisesse acompanhá-lo às matinées.

Agfa



Movex 30

Filmar é mais fácil
do
que fotografar



CAROL LOMBARD
deita contas à vida para
mandar pintar a sua casa
com

MURALINE

MÁRIO COSTA & C.^{DA}, L.^{DA}
RUA DO ALMADA, 30-1.º e 2.º
TELEFONE, 2571 — PORTO

Casa Sardinha

Artigos para bordar
Artigos para cintas
Miudezas

V. Ex.º é fregueza desta casa?
Não é? Pois faz muito mal!

Casa Sardinha

Praça Carlos Alberto, 6
Telefone, 1557 — PORTO

OURIVESARIA ALIANÇA

A MAIOR DA PENINSULA

Celestino da Motta Mesquita

191 a 199, Rua das Flores, 201 a 211
PORTO (Portugal)

A que mais barato vende
A que mais caro compra

Grande Fábrica de
artigos de Ouro,
Pratas cinzeladas,
Jóias, Filigramas,
Bronzes de Arte

SÃO JOÃO

PORTO

50 % NA MATINÉE
DE 20 DE JULHO
— DE 1933 —

2 ENTRADAS

SÃO JOÃO

PORTO

50 % NA MATINÉE
DE 27 DE JULHO
— DE 1933 —

2 ENTRADAS

TEATRO AVENIDA

COIMBRA

30 % NA MATINÉE
DE 23 DE JULHO
— DE 1933 —

TIVOLI

COIMBRA

30 % NA MATINÉE
DE 23 DE JULHO
— DE 1933 —

TEATRO AVEIRENSE

AVEIRO

30 % NA MATINÉE
DE 23 DE JULHO
— DE 1933 —



PILOT

Radio

MIRÃO
33

Radio PILOT
reformosa 344
porto

PIANOS
BECHSTEIN



Esta visão recorda-me a pergunta daquela mãe enlevada na filhinha sentada ao Bechstein, dirigida ao velho Litz: "Não é verdade que a minha filha já toca divinamente?..."

E o Mestre respondeu sorrindo: "Ela também, tem um piano divino."

DANIEL RUVINA

RUA FORMOSA, 173

P O R T O